

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, SETEMBRO/2013 - ANO XVI - EDIÇÃO COMEMORATIVA - Nº 200

Foto Nelson Favorino



Voltado para a cultura em seus múltiplos aspectos, O ESTAFETA tornou-se referência editorial não somente para Piquete mas para toda a região valeparaibana, pela seriedade com que é editado. Nesta imagem do fotógrafo Nelson Favorino, o Ramal Férreo Lorena-Piquete, inaugurado em 15/09/1906.

Editorial

Neste mês de setembro o O ESTAFETA comemora sua edição de número 200. É momento de júbilo para sua equipe de redação, que compartilha com todos seus articulistas a boa aceitação desse informativo pela sociedade piquetense. São esses colaboradores que concorrem com textos bem escritos para o seu sucesso.

Com uma tiragem de mil exemplares e distribuição gratuita, O ESTAFETA, desde seu primeiro número, prima pela qualidade gráfica e editorial, por artigos diversificados e pelas fotografias que ilustram suas edições.

Voltado para a cultura em seus múltiplos aspectos, O ESTAFETA, pela seriedade com que é editado, tornou-se referência editorial não somente para Piquete, mas para toda a região valeparaibana. Antenado com os propósitos da Fundação Christiano Rosa, que tem a cultura como instrumento de inclusão, transformação e desenvolvimento, busca valorizar o conhecimento, o patrimônio histórico, cultural, ambiental e paisagístico de Piquete, estimulando a convivência e a participação comunitária, despertando o sentimento de cidadania e de pertencimento à cidade.

Ao longo dos anos, este informativo manteve-se coerente à sua linha editorial. Desde o início vem trabalhando para fomentar a cultura e o conhecimento histórico sobre a cidade, numa ação de resgate de nos-

sa cidadania, numa jornada cívica de respeito e amor por Piquete. Só se ama aquilo que se conhece.

O ESTAFETA esteve e estará sempre voltado para a divulgação, com orgulho, das realizações piquetenses. Nosso município tem como maior riqueza, além de seu povo, sua localização geográfica privilegiada nos contrafortes da Mantiqueira, com extensas áreas de Mata Atlântica. Abriga uma das maiores reservas de biodiversidade do planeta. Isso faz com que nosso patrimônio ambiental se diferencie do de outras cidades valeparaibanas, aumentando nossa responsabilidade pela sua preservação. A consciência cívica nos leva à proteção e valorização do nosso patrimônio ambiental urbano, que, preservado, favorecerá a melhoria da qualidade de vida dos moradores.

Em sua primeira edição, há mais de 16 anos, O ESTAFETA publicou que Piquete sempre foi e continua sendo um manancial inesgotável de talentos. Todavia, brilhantes dons, por ausência de incentivos maiores e de realizações concretas, deixam de ser burilados e, em muitos casos, qualquer de suas facetas jamais se torna conhecida. É grande a falta de incentivo e de oportunidades aos jovens. Muitos, com os olhos voltados para o passado, sonham com tempos e oportunidades que ficaram na memória. É preciso que olhemos para o futuro e, apesar das dificuldades, busquemos solu-

ções para nossos problemas. Ante tal constatação, só nos resta – parafraseando Kennedy – propor: “Não perguntemos o que Piquete pode fazer por nós, mas o que nós poderemos fazer por Piquete”. Na verdade, podemos muito mais do que imaginamos.

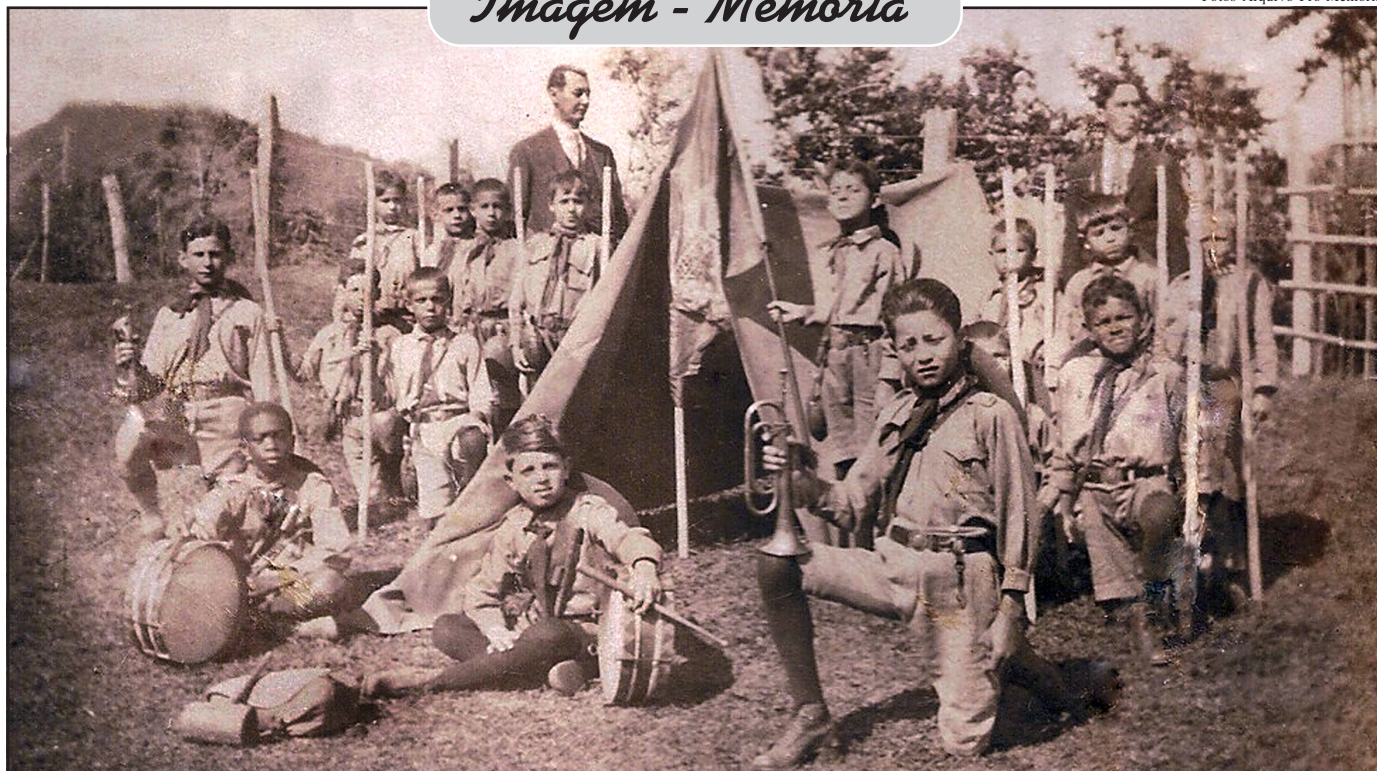
Por meio de seus artigos, O ESTAFETA deixou indelévels as atividades da Fundação Christiano Rosa de valorização de nossa cultura, como exposições, seminários, palestras... Em suas linhas defendeu e divulgou nosso patrimônio histórico-cultural e atividades ambientais. Em suas páginas encontram-se muitas imagens-memória, muitas histórias das “gentes” da cidade... Enfim, nessas 200 edições está registrada a história de Piquete e dos piquetenses.

A direção de O ESTAFETA está por demais orgulhosa. Reconhece a importância do patrimônio humano que contribuiu até aqui com este informativo cultural. Aos que ficaram no caminho, a lembrança e a gratidão. O tempo investido em diagramação, revisão, manuseio profissional de imagens, pesquisa e elaboração de textos foi válido. Neste número 200, em nome de todos os que colaboram para sua confecção, O ESTAFETA compromete-se com seus leitores a manter o padrão de qualidade, o compromisso com a ética e a imparcialidade.

E que venham as demais edições!

Imagem - Memória

Fotos Arquivo Pró-Memória



Escoteiros do Grupo Escolar de Piquete, na década de 20. Na foto, o diretor Frederico Silva Ramos e o professor Juca Ribeiro com os alunos Zezinho do Amélio, João Antiênio, Dito Birolê, Nestor de Lima, Luiz Arantes, Agenor Arantes, José Arantes, Bitu e Chico Macedo, entre outros.

Escotismo: os escoteiros de Piquete

Apreciando antigas fotografias de alunos do Grupo Escolar de Piquete, nas décadas de 1920 e 30, deparamos, com certa frequência, com a presença de alguns escoteiros uniformizados. O que muitos não sabem é que naquela época o escotismo já existia em nossas escolas como atividade complementar à educação dos jovens.

Dentre as práticas escolares paulistas daqueles anos, sobressaía o escotismo, implantado a partir da reforma educacional de 1920 nas escolas públicas do estado de São Paulo.

O primeiro núcleo escoteiro do Brasil foi organizado no Rio de Janeiro, em 1910. O Brasil foi um dos primeiros países a se interessar pelo movimento escoteiro. Seus fundamentos foram trazidos da Inglaterra por Mário Sérgio Cardim, aluno de Baden Powell, criador do escotismo.

A primeira vez que se adotou o escotismo em uma escola pública foi em 1916, no Rio de Janeiro, e as atividades eram ministradas por um capitão do Exército. Contudo, é no estado de São Paulo que se tem notícias da primeira tentativa de se instituir nas escolas públicas o escotismo, ministrado não por militares, mas por inspetores de ensino. O movimento escoteiro foi iniciado nas escolas em 1917, ocasião em que se abriu concurso para diretores e inspetores de grupos escolares e difundiu-se amplamente o “manual do escoteiro”, de Baden Powell. O Anuário do Ensino do Estado de São Paulo de 1917 registra que eram os inspetores que, por meio de palestras e conferências, faziam propagandas desse movimento. Nos anos

seguintes transparece um grande entusiasmo nos relatórios dos delegados sobre atividades escoteiras. O escotismo provocou ânimo novo nas escolas públicas. Um dos delegados de ensino fornece dados a respeito das atividades desenvolvidas pelos escoteiros: exercícios variados e excursões diversas com regularidade; aulas para o preparo do futuro homem e cidadão, dados na própria escola, aproveitando-se, para isso, o tempo consagrado à introdução cívica e moral, ou extra-horário escolar, por professores entusiastas do escotismo.

Essa experiência educacional chegou a Piquete e foi bem acolhida e assimilada pelos professores e alunos. O professor Luiz de Castro Pinto, diretor do grupo escolar, entusiasta do movimento, reuniu-se com os pais explicando a importância do escotismo como coadjuvante na formação do aluno. Recebeu apoio integral, e a cidade passou a conviver com escoteiros e suas práticas nas festas cívicas. Na semana de 7 de Setembro de 1922, quando se comemorou o centenário da independência, houve desfile pelas ruas da cidade e concentração cívica no Campo do Estrela. No dia 7, um grupo de alunos e escoteiros desfilou em Lorena. A organização e o entusiasmo do grupo tornaram-se notícia em jornais da região e da capital como se pode constatar lendo o jornal “Correio Paulistano” de 29 de janeiro de 1923. Sua primeira página trazia a manchete: “Escotismo: os escoteiros de Piquete”. “Não obstante continuarem as férias escolares públicas, em que o escotismo tomou ultimamente grande desenvolvimento, não cessa-

ram durante esses meses, nos núcleos de escoteiros esparsos pelo Estado, os trabalhos de campo e exercícios técnicos. Ainda agora, segundo boletim enviado à secretaria da Associação Brasileira de Escotismo pelo professor Luiz de Castro Pinto, delegado técnico da comissão regional de escoteiros de Piquete, o movimento de sócios contribuintes nos últimos meses foi de 43 e o de escoteiros 144 e 73 aspirantes. Esses rapazes foram instruídos em vozes de comando com o sinal de apito e som de corneta, transmissão de mensagens com o emprego da telegrafia morse e semafórica; acampamento, armando e desarmando barracas; cozinha de campo. Fazem também exercícios de educação física. As palestras versaram sobre hinos patrióticos; código do Escoteiro; registro de boas ações. Realizaram os escoteiros de Piquete duas excursões a 12km, praticando todos os trabalhos técnicos e de campo”.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

João Marcondes

A vida de uma paróquia é edificada com a participação ativa de seus membros. Nela, a comunidade produz bons frutos e tem um espaço para a vivência cristã, que a auxilia na busca da santidade. Suas lideranças são espelho em que nos podemos mirar e crescer.

Quem frequenta a Matriz de São Miguel certamente conhece um paroquiano que vive um modelo de vida cristã. Com fala mansa, equilibrado e com gestos tranquilos, João Marcondes desenvolve importantes trabalhos na catequese e na formação de jovens.

Natural de Taubaté, é um dos oito filhos de Olímpio Marcondes e Maria Miranda Marcondes. Fez seus estudos em sua cidade natal. Formado no SENAI como Mecânico-Ajustador, iniciou sua vida profissional em 1974, trabalhando, por seis anos, em mecânica pesada na ALSTOM. Mudando-se para São José dos Campos, passou a trabalhar na EMBRAER, na confecção de peças para aeronaves, onde ficou por cerca de 12 anos. Em 1991, por um tempo trabalhou na NITROBRASIL. Em seguida, na J.Armando, por cinco anos. Transferiu-se, então, para a FPV, lotado na 3ª Divisão, onde atuou como mecânico e se aposentou, em 2005.

Apaixonado por Piquete, sua aproximação com a cidade se deu em 1981, quando conheceu Valéria Maria da Silva Marcondes, piquetense formada na primeira turma de Enfermagem da UNITAU. Após seis anos de namoro e noivado, casaram-se em 1987. Tiveram um casal de filhos. Conta que, desde a primeira vez que chegou a Piquete, foi muito bem recebido pela comunidade. Aprendeu a gostar, cada vez mais, da população. Diz-se apaixonado pela cidade, de maneira que não admite que dela falem mal. “Quando se é bem recebido em um lugar, sem nenhum interesse, a gente retribui”, ressalta João Marcondes.

Em 1991, mudou-se de “mala e cuia” para Piquete.

De família religiosa, aqui recebeu apoio fundamental de seu sogro, Vicente Cândido da Silva, atuante na vida da Igreja Católica



local. Frequentando assiduamente a paróquia de São Miguel, após cursilho em Lorena, em 1995, passou a participar mais ativamente da vida comunitária. Ingressou na Irmandade do Santíssimo Sacramento, cujo presidente à época era José Fernandes. Logo foi convidado a tornar-se Ministro Extraordinário da Comunhão. Tornou-se, ainda, catequista de crismandos. Segundo ele, a catequese da paróquia de São Miguel é referência na Diocese de Lorena. Atualmente integra a Pastoral da Saúde e é coordenador paroquial da catequese. São 35 catequistas e, aproximadamente, 300 catequisandos. Sublinha ser grande a religiosidade da população piquetense: “O povo participa ativamente da vida da Igreja. É grande a fé no padroeiro São Miguel”. João Marcondes acredita que profundas mudanças ocorrerão na Igreja Católica com o novo papa, cujas ideias arrojadas farão com que os documentos já lançados sejam colocados em prática. “Este é o papa das mudanças”, afirma.

Ativo, João Marcondes participou, em 2002, da “Dimensão Ecológica da Diocese”

junto com o padre salesiano Mário Bonatti, diácono Ney Guimarães e Tarcísio Rodrigues. Procura se envolver com o lado social da Igreja. As pessoas o procuram com frequência por problemas de saúde: “A Pastoral da Saúde de Piquete é muito ativa. É importante o apoio do pároco para a vida da comunidade e das pastorais”, afirma.



Edição nº 200

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Em fevereiro de 1997, ainda no século passado, era distribuída a edição número 01 de O ESTAFETA... Era a materialização do árduo trabalho de um pequeno mas vibrante grupo que há quase um ano havia instituído a Fundação Christiano Rosa.

Lá se vão mais de 16 anos, e o “O ESTAFETA” mantém-se fiel ao seu conceito inicial: informar as atividades da Fundação Christiano e divulgar a história e a cultura piquetense promovendo seu resgate e valorização... Lá se vão mais de 16 anos de dedicação, de recursos financeiros e de trabalho sério para manter a qualidade editorial deste que é o único informativo cultural regular e independente do Vale do Paraíba. Lá se vão horas e horas no computador, em pesquisas, em entrevistas, na captura de imagens... Lá se vão carência de articulistas, falta ou “sobra” de textos, variação de humores, vaidades... Lá se vão vidas, lá se vão histórias...

Com o advento das facilidades tecnológicas, muito se ganhou na agilidade da diagramação de uma edição de O ESTAFETA. Engana-se quem pensa, porém, que se tornou mais fácil sua edição... A experiência conquistada pela “equipe” tornou-a cada vez mais exigente na expectativa da qualidade: como recuperar com mais detalhes uma foto para o Imagem Memória? Como garantir a gráfica a excelência na qualidade da impressão? Como garantir a melhor ilustração para os textos? E, acima de tudo, como garantir o alcance da mensagem dos textos a todos?

O ESTAFETA, adolescente na idade, é um ancião se contados seus anos por meio das edições... Se é um questionador adolescente em sua ânsia por informar e formar cidadãos éticos e conscientes de seus direitos e deveres, mostra-se, não há dúvidas, um mestre riquíssimo de experiências, adquiridas na análise dos inúmeros assuntos abordados em suas páginas...

Colaboro com o “O ESTAFETA” desde a edição 21... Não consigo me imaginar sem a ansiedade pela edição impressa, ainda que já conhecedor de todos os textos... Orgulho-me de compor este seleto time que vive e transmite cultura sem olhar a quem... Orgulho-me de um voluntariado que – estou certo disso – garante a vida da memória, a emoção de um sorriso, o amadurecimento de uma reflexão transformadora...

Como brindar a edição 200?

Ratificando a convicção de que estavam certos em seus objetivos aqueles do núcleo inicial, da edição 01 – fazem incommensurável falta os poucos que não mais aqui estão...

Celebrando a materialização de um sonho, a seriedade na manutenção de um compromisso entre amigos fiéis...

Salve O ESTAFETA, o mensageiro da vitória da vida sobre a morte!

José Luiz Pasin, (1939-2008), corpo, alma e espírito

Integralidade na obra de Cleuza Martins de Carvalho

A insigne pesquisadora, mestra em Literatura Brasileira Moderna e Contemporânea (FFLCH-USP), Cleuza Martins de Carvalho nos brindou com uma obra notável para salientar a vida e a obra do Professor José Luiz Pasin. Este é autor de inúmeros trabalhos de História do Brasil e valeparaibana e de outros tantos tópicos da modernidade e do país, alinhando-se entre os espíritos inquietos dotados de conhecimento e de busca investigativa de documentos iluminadores.

O livro aqui relatado é denominado “José Luiz Pasin, um mecenas no final do século XX”, editado pela Sila Produções Culturais, em Guaratinguetá, 2013, pela 1ª edição. O contemplado pela obra foi Professor em universidades valeparaibanas, fazendeiro em Roseira (SP), ambientalista. Esteve alinhado aos movimentos que no Vale do Paraíba ensinaram valorizar os habitantes, a área geográfica, as manifestações culturais, a sustentabilidade e preservação do meio ambiente e os órgãos de referência cultural e educativa.

A propósito, o citado Professor teve como uma de suas principais preocupações a criação de um Instituto de Desenvolvimento Florestal em área de 84,70 hectares da “Fazenda Boa Vista”, situada no bairro Veloso, Município de Roseira, comarca de Aparecida, estado de São Paulo. A propriedade do Sr. José Luiz Pasin aparece configurada nas anotações da Portaria nº 098/78P de 20 de março de 1978, segundo cópia que Cleuza de Carvalho transcreve em sua obra com os detalhes legais aprovados às páginas 74 e 76. Expressa o art. 2º que a reserva florestal é dada como Refúgio Particular de Animais Nativos e a fiscalização correria por conta do proprietário. Para tanto, deveria colocar limites e placas proibindo a caça. Amplamente divulgada, essa criação trouxe grande satisfação e tornou-se orgulho do titular, que deu origem a movimentos ecológicos no Vale do Paraíba.

Pasin é consignado como um dos fundadores do Instituto de Estudos Valeparaibanos (IEV), do qual foi idealizador como agência educativa e centro de convergência de pesquisas. A comunidade valeparaibana foi sempre seu fulcro e motivação para desenvolver obras e ações de nível cultu-

ral, intelectual e de pesquisa.

A pesquisadora Cleuza de Carvalho ateve-se, para biografá-lo, a documentos



dados como de fonte primária, isto é, ainda não utilizados por outros pesquisadores. Privilegiou-se pelo acesso aos documentos guardados não só nos arquivos oficiais como nos disponibilizados na Fazenda Boa Vista, cuja memória foi elaborada pelos registros de Pasin, revigorante estudioso que sempre foi. Cleuza de Carvalho não só alinha a documentação: comenta e contextualiza as obras visualizadas e analisadas de Pasin. Tudo realizado para dar a interpretação mais completa possível, afetada pela admiração que sempre devotou ao protagonista tornado objeto de pesquisa.

Monarquista, José Luiz de Trainnin e Pasin admirava a formação dos troncos familiares e suas referências titulares, como a de que era ligado pela ordem hierárquica, heráldica e de raiz, como proprietário da Fazenda Boa Vista e “8º sucessor e Prior da Roseira-a-Velha”, conforme registro da Memória da Boa Vista em 22 de agosto de 1973.

Anotações de Cleuza de Carvalho dão conta de que José Luiz Pasin, preocupado com os “destinos da nação brasileira”, e na busca de uma “sólida construção do país”, chegou a desencadear no período do domínio militar a campanha pela Monarquia Parlamentar ou do Parlamento Coroadado, que “consistia em restituir à Monarquia Portuguesa os direitos perdidos com a República” (Carvalho 2013, 99).

Atenta, cita os registros do “Livro de Memória” cultivado por Pasin na Fazenda Boa Vista: comemorações, celebrações, aniversários, lançamento de livros, representações teatrais e artísticas em geral. No Pátio das Artes, uma antiga senzala, sucedi-

am-se visitas bem sintonizadas pelo anfitrião, que elegia os grandes nomes da literatura nacional, e que, acima de tudo, tinha “a sensibilidade de caçar talentos”. E para reforçar as ideias do ilustre pesquisador e cultor da História, são dadas referências às notas deixadas sobre Dom Pedro Henrique de Orléans e Bragança, membro da Família Real e Imperial, pois esta era vista como “berço de pessoas para serem estadistas”.

E, para ele, embora sem grandes chances da expansão da proposta, valeria esta escolha constitucional federativa para enfrentar a crise institucional

que o Brasil atravessava pós 64.

A obra de Cleuza de Carvalho, escrita com cuidado e pesquisa profunda, é fonte histórica de valor. Parabenizo a autora.

Mais ainda: Pasin, segundo sua biografia, não deixou esquecidos os movimentos negros. Recebeu os nomes importantes do Teatro Experimental do Negro com a presença de Magdalena de Souza. Mostrava-se, assim, integrado à ideia do amálgama branco e negro para ilustrar a paisagem humana do Vale do Paraíba, região de cultura cafeeira e grande uso de mão-de-obra escrava.

Como membro do IEV, estive na Fazenda Boa Vista quando lá se encontrava, a convite do anfitrião, uma ilustre ex-professora, Nice Lecocq Müller, da Cadeira de Geografia Humana na Universidade de São Paulo. Testemunhei, na oportunidade, os esforços de Pasin em homenagear esta autora da obra sobre as cidades valeparaibanas. Entre muitas citações, Cleuza de Carvalho pontua diligentemente os passos de Pasin, o empenho em valorizar eventos, pessoas e entidades através de vida ativa e produtiva. Portanto, não é sem motivos que a sede da Fazenda Boa Vista foi tornada Museu Histórico de Roseira e Pasin reconhecido como emblemático por suas atividades. Lume e luz para os estudiosos, ele se presentifica em nossa memória, carregado de afetos. Ele que despertava cumplicidade, admiração e uma incontida fórmula para conquistar admiradores e amigos.

Dóli de Castro Ferreira

Na foto, José Luiz Pasin no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”, em Piquete.

Um olhar especial sobre a cultura valeparaibana

Fotos Nelson Favorino

Nos últimos anos, com certa frequência, é fácil nos depararmos com o fotógrafo Nelson Favorino dos Santos caminhando pelas ruas de Piquete. Sempre discreto, percorre a cidade empunhando uma câmera fotográfica, buscando os melhores ângulos e enquadramentos para diferentes cenas.

Tendo participado de inúmeras exposições e concursos de fotografias nos últimos trinta anos e conquistado diversos prêmios, Nelson Favorino construiu uma sólida e bem sucedida carreira como fotógrafo. Tendo o homem e a paisagem valeparaibana como objetos de seu interesse fotográfico, desde a década de setenta vem registrando diferentes aspectos das cidades da região e do litoral norte do estado de São Paulo, velhas fazendas de café, festas religiosas, procissões, tipos populares e o homem rural em seu ambiente de trabalho. Nada escapa de seu olhar sensível. Suas fotografias provocam diferentes reflexões em quem as observa.

Repórter fotográfico, fez sua carreira profissional na Embraer, em São José dos Campos, onde começou a trabalhar em 1974. Nessa empresa, fotografou tanto na área técnica como na divulgação e publicidade de aeronaves. Documentou, ainda, eventos sociais e visitas de autoridades brasileiras e estrangeiras. Recorda-se de que, em março de 1986, fotografou a princesa Anne, filha da rainha Elizabeth II, da Inglaterra, quando de sua visita àquela fábrica.

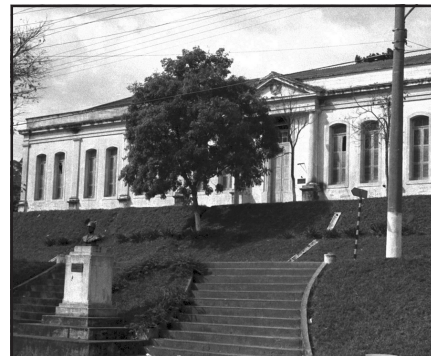
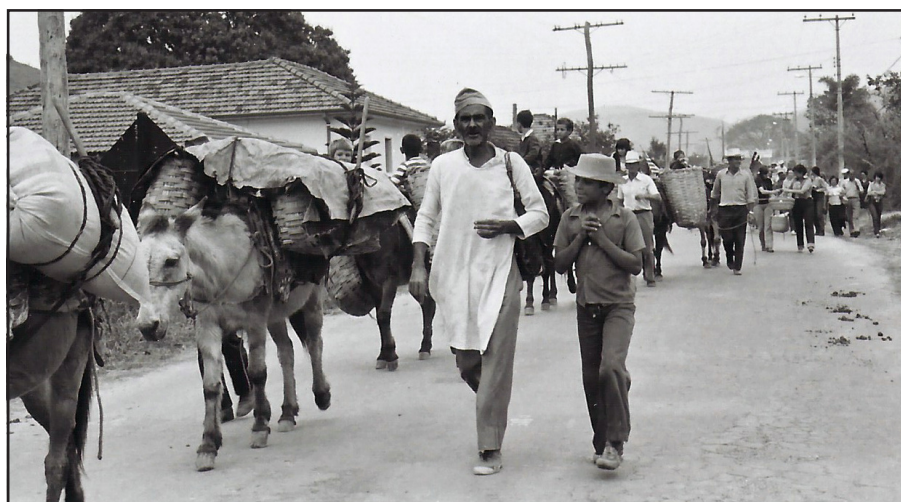
Natural de Caçapava, onde nasceu em 22/12/1942, Nelson Favorino dos Santos mudou-se para Piquete quando contava apenas cinco anos de idade. A família veio morar com o tio José Benedito dos Santos. Foi Tio Quinto – seu apelido por ter vindo transferido do 5º RI, de Lorena, para servir no contingente da FPV – que lhe despertou o amor pela fotografia. Fotógrafo amador, Tio Quinto tinha uma Kodak, adquirida em

1944 de Joaquim Aquino, conhecido e respeitado fotógrafo de Piquete naquela época. A curiosidade do tio foi transferida para o sobrinho. Nelson Favorino registrou sua primeira imagem numa casa próxima à Usina Rodrigues Alves.

Em Piquete ele iniciou seus estudos primários no Grupo Escolar da FPV e os concluiu no Antônio João. Autodidata, lia tudo o que caía em suas mãos sobre a arte da fotografia. Aos vinte anos, recorda-se de que ajudava um conhecido a fotografar soldados do contingente em slides e monóculos. Registrou, também, os natais na Praça Duque.

Retornando a Caçapava em 1967, passou a trabalhar no laboratório fotográfico da Mafersa, onde aprendeu e desenvolveu técnicas utilizando-se de máquinas fotográficas profissionais e filmes 4x5 polegadas. Após sua contratação na Embraer, paralelo a seu trabalho fez diversos cursos que enriqueceram seu aprendizado: cursou a Escola J.B. Godoy, de publicidade, em 1976, em São Paulo; o Centro Educacional Kodak, também em São Paulo, em 1982; audiovisual na Escola Imagem, em 1986; ampliação em preto e branco etc... Ao longo dos anos, Nelson Favorino fotografou Festas do Divino, em Parati e São Luís do Paraitinga, Festa do Tropeiro, em Silveiras e Piquete, a Congada de Ilha Bela, o Jongo de Piquete... Seus trabalhos ilustraram inúmeros livros, revistas e jornais.

Após sua aposentadoria, em 1994, passou a frequentar com maior frequência Piquete, acabando por adquirir, em 2005, uma casa na Vila Marechal Osório. Autor de fotos incríveis, Nelson Favorino está sempre de olho no cotidiano da cidade e nos surpreende sempre com ângulos dos mais inusitados. Vale a pena conhecer o seu trabalho.



A IMBEL e seu patrimônio histórico-cultural em Piquete

A IMBEL – Indústria de Material Bélico do Brasil – é uma empresa pública de direito privado veiculada ao Ministério da Defesa por intermédio do Comando do Exército. Criada pela Lei nº 6.227, de 14 de julho de 1975, herdou como ativos as instalações das extintas fábricas do Exército.

Em Piquete situa-se uma dessas unidades de produção, a FPV – Fábrica Presidente Vargas, produtora de pólvoras e explosivos.

Demonstrando respeito pelo patrimônio que nos foi legado pelos nossos antecessores, a direção da IMBEL recuperou e restaurou o que consideramos como Patrimônio Histórico-Cultural da FPV, descritos a seguir:

1 - Casa 1

Quando a Fábrica de Pólvora sem Fumaça foi inaugurada, em 15 de março de 1909, seu diretor já dispunha de residência funcionando; no portão de entrada existe uma placa com a inscrição “Director”. Foi usada com esta finalidade até o início do ano de 1960, quando o diretor mudou sua residência para a última casa da rua Marechal Luz.

Desocupada por cerca de 34 anos, a residência do “Director” deteriorou-se. Em 1996, o presidente da IMBEL de então decidiu recuperar a Casa 1, como é conhecida, e destiná-la aos trabalhos e reuniões da diretoria. A recuperação constou de construção de dois lavatórios, transformação da cozinha em sala de reunião, substituição de portas e janelas externas, correção de partes do revestimento deteriorado pela umidade, substituição de peças de madeira do telhado, algumas telhas, pintura, troca de fiação elétrica e tubulações hidráulicas, recolocação de grades que complementam os muros, colocação de lustres de bronze similares aos antigos e ajardinamento do terreno.

Há uma placa marcando a data da reinauguração, que está marcada no bronze:

“Casa 1 – Director

A solidez elegante do casarão restaurado, e emoldurado em arvoredos vetustos, atesta o gênio e a antevidência centenária de nossos maiores, a exigir perseverança na continuidade de seu feito: a indústria bélica brasileira.

Piquete, 8 de outubro de 1996”

A Casa 1 passou a abrigar o presidente, o vice-presidente, quatro diretores, consultor jurídico e secretárias.

A sala ocupada pelo presidente é mobiliada com móveis antigos trabalhados a mão e muito bonitos, o que é reconhecido por quantos nos visitam.

As portas internas que não foram substituídas por estarem em perfeitas condições são o testemunho da madeira nobre, pinho-de-riça, que foi utilizada na construção.

À noite, iluminada externamente, a casa da diretoria tem servido de palco para fotos de noivas no dia de suas bodas.

2 - Estação Ferroviária “Estrella do Norte”

Após a bem sucedida restauração da Casa 1, decidiu-se recuperar outro cartão postal da cidade: a estação ferroviária Estrella do Norte e o jardim fronteiriço.

Em outubro de 1999 foi assinado um termo de convênio com a Rede Ferroviária Federal S/A no qual a IMBEL recebeu alguns materiais do interesse da preservação da memória ferroviária, entre os quais a *Locomotiva Baldwin, Philadelphia, EUA, 1944 e o Vagão de Passageiros, Bauru, SP, 1947*

Placas existentes na Estação “Estrella do Norte”:

“Convênio 7199 IMBEL – RFFSA – Preservação da memória ferroviária.

Restauração proporcionada pela FHE-POUPEX, presidida pelo General de Exército Clóvis Jacy Burmann.

Piquete, 10 de dezembro de 2002.”

“Reinauguração da Estação Estrella do Norte.

Nos trilhos que por aqui lançaram os pioneiros da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, nos idos de 1909, trouxeram vida, progresso e civilização a este complexo fabril e comunitário.

Piquete, 11 de junho de 1999”

Conseguiu-se, com base em fotografias antigas da coleção do doutor Antônio Carlos Monteiro Chaves, restaurar o telhado, cujas telhas, inicialmente pequenos quadrados de amianto, foram substituídas por outras muito semelhantes...

Como o ramal ferroviário Lorena-Piquete se encontrava desativado, preocupou-se em ocupar o espaço, dando-lhe alguma funcionalidade. Foi necessário, então, equipar uma das torres da estação com uma pia de cozinha e melhorar o lavatório existente no outro cômodo.

Caprichou-se na pintura (amarela e portas e janelas em vermelho).

A data 14 de junho de 1999, em que foi reinaugurada, foi marcada por uma festa noturna proporcionada pela Banda de Música do 5º BIL, de Lorena, queima de fogos e ligação da também recuperada fonte luminosa no jardim fronteiriço. Desde então, até o início de 2002, a estação abrigou, em todos os fins de semana, o que foi denominada “Estação das Artes”. Era uma feira de artesanato conduzida por dona Anacyr Araújo, onde era mostrada e vendida uma boa variedade de peças: pintura, trabalhos em madeira, tecidos, bordados, flores artificiais, além de guloseimas: trufas, algodão-doce, pipoca e doces. A música em CDs e ao vivo, inclusive por um violinista, animava o ambiente. Serviu-se, por algum tempo, um “café-da-rosa” e almoço. Após o encerramento da “Estação das Artes”, a estação e o carro de passageiros, restaurados em 2002, passaram a funcionar, à noite, nos fins de semana, com um restaurante com refeições leves, com música ao vivo, inclusive por cantores da área, entre os quais o próprio superintendente da FPV de então (general Fernando Manguinho).

Já se passaram mais de 110 anos, quando, em 3 de fevereiro de 1902, chegava a Lorena o atual 5º Batalhão de Infantaria de Leve, a fim de proporcionar segurança à realização de importantes obras militares na região: Sanatório Militar de Lavrinhas, Fábrica de Pólvora sem Fumaça e Ramal Ferroviário Lorena – Bemfica. Em 1906, começava a funcionar o ramal ferroviário, mudando a paisagem piquetense com as viagens das marias-fumaça. Em 1909, o presidente Afonso Penna inaugurava o que seria a maior indústria química da América Latina.

Os textos das placas foram escritos pelo General Paiva Chaves, presidente da IMBEL à época.

Cel. Alfredo Maurício de Araújo
Setembro/2013



A visita solene

É importante deixar decantar um acontecimento para dele comentar, não propriamente no calor da hora, sujeitado às emoções, mas passado algum tempo para que aflorem os dados entendidos como significantes.

O papa Francisco esteve no Brasil entre 22 e 28 de julho de 2013 para cumprir um compromisso que lhe fora deixado pelo antecessor, o papa Bento XVI – o de participar da 28ª Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro. Chegado ao Brasil e recebido com formalidades de praxe, já que, além de chefe supremo da Igreja é também Chefe de Estado do Vaticano, dirigiu-nos um discurso fortemente ligado ao papel da juventude e seus destinos. Anunciando não possuir “nem ouro, nem prata”, afirmou-se portador do que mais precioso lhe foi dado: Jesus Cristo. Salientou trazê-lo no coração para “alimentar a chama do amor fraterno em cada coração”, e a todos saudou desejando a paz. Num discurso afetuoso e delicado, considerou que o motivo principal da visita, além do apreço pelo Brasil, transcendia as suas fronteiras, pois viera para encontrar jovens do mundo todo, “atraídos pelos braços abertos do Cristo Redentor”, num encontro de vários idiomas e culturas, buscando a irmanação para “além de toda diversidade”.

Chamou a atenção dos ouvintes para afirmar que a “juventude é a janela pela qual o futuro entra”. Enfaticamente voltado para os jovens, destacou os valores fundamentais que devem norteá-los: garantia de segurança e educação, condições materiais e imateriais para seu pleno desenvolvimento, um horizonte transcendente que leve à felicidade autêntica e o despertar das melhores

potencialidades para o amanhã aguardado. Sugeriu receber a empatia para estabelecer o diálogo e se propôs a cumprir a missão que lhe fora destinada.

Em troca, ouviu discurso de Dilma Rousseff para lhe dar as boas vindas, ensinar sucesso e demonstrar, sobejamente, as conquistas e previsões do próprio governo, do qual se orgulha, parabenizando o do de seu antecessor, Lula da Silva, de quem se orgulha ser continuadora. Alguns analistas admitiram ter sido o discurso da presidenta um relatório, na esperança de atrelá-lo aos propósitos de Francisco, mensageiro da referência franciscana voltada para os pobres, os humildes, os dependentes de tóxicos, os marginais e os infelizes. Não sem deixar de incorporar as mensagens expostas pelos manifestantes nas nervosas artérias metropolitanas, como se as endossasse.

Para extrapolar todas as fronteiras, a agenda do pontífice levou-o aos lugares de exclusão: favelas, comunidades carentes, hospital de tratamento psiquiátrico, e ele, livre de protocolos, insistia em se aproximar do povo, receber e dar seu carinho, coerente com as próprias palavras e, sobretudo, carismático.

Outro grande tema dos propósitos de Francisco demonstrou-se nessa visita – o do ecumenismo, ou seja, da abertura do acesso às religiões cristãs para irmanar-se com os adeptos da busca de Cristo. Admite, nesse ponto, o rompimento com os estereótipos quanto às diversidades quer sociais, quer étnicas, quer culturais – e mesmo admitindo tratar os homossexuais como membros do rebanho, atraindo-os como irmãos a merecer compreensão e caridade.

O tema ecumenismo, por sua vez, é

emblemático. Até que ponto uma Igreja dividida em várias correntes derivadas de duas mais significativas, a conservadora e a progressista, aceitará implementar, realmente, o ecumenismo?

Entre o leão e o leopardo, ambos mamíferos carnívoros da ordem dos felídeos ou felinos, numa licença interpretativa, visto o leão um todo poderoso “rei dos animais”, e o leopardo, com a força derivada das artimanhas, ensejasse a possibilidade do equilíbrio desejado entre as forças de bases doutrinárias e irrefutáveis, e a de busca das frestas por onde o ar renovado possa circular ativando as propostas de mudança.

A mudança desejável nos humanos pode ser, entretanto, apenas retórica no conjunto dos homens e mulheres presos a estereótipos e costumes tradicionalistas, como ocorre em nossa sociedade. Ainda que concedamos ao leão uma força inquestionável e ao leopardo, uma “esperteza” invejável.

Finalmente, outro ponto fundamental para Francisco é a questão da fé.

Entre Bento XVI e Francisco emblemizam-se as encíclicas teológicas da Esperança, da Caridade, do Amor e da Fé. As duas primeiras cartas encíclicas são de autoria de Bento XVI e a da Fé (A luz da fé), recentemente publicada, foi iniciada por Bento XVI e completada por Francisco, que a assina. Doutrina vivenciada pela Igreja e passada por gerações. Argumenta-se que é impossível crer sozinho, daí a comunhão para tornar viva a experiência fundante do cristianismo, e iniciada pelo batismo e a confirmação (crisma), como experiência de fé e de crença, para tornar-se memória, e num grande ágape de amor, vivência entre irmãos em Cristo.

Dóli de Castro Ferreira

A Serra da Mantiqueira e seu Plano de Manejo

Em maio de 2013, a equipe da APA da Serra da Mantiqueira, unidade de conservação federal gerida pelo Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), iniciou o levantamento de informações socioeconômicas que servirão de base para a elaboração do Plano de Manejo dessa unidade.

O Plano de Manejo é um documento que estabelece o zoneamento e as normas que deverão regular o uso de uma unidade de conservação e o manejo dos recursos naturais que nela existem. A aprovação do documento também implica na definição do conjunto de ações necessárias à gestão da área

protegida, visando a conciliar os diferentes usos com a conservação da biodiversidade. Este documento é uma ferramenta construída em conjunto com a população da região em que se localiza a unidade de conservação para definir as regras de uso e de conservação dos recursos naturais, mostrando o que a região possui de bom e o que precisa ser preservado.

A mobilização acontece por meio de reuniões. O primeiro encontro foi realizado no dia 25 de maio, seguido de outros tantos, passando pelos 29 municípios abrangidos pela APA da Serra da Mantiqueira. Entre os objetivos da APA estão a conservação da

patrimônio paisagístico e cultural das regiões mais altas da Mantiqueira, a proteção e a preservação da flora endêmica, dos remanescentes dos bosques de araucária, além da garantia de continuidade da cobertura vegetal do espigão central, das manchas de vegetação primitiva e da vida selvagem, principalmente as espécies ameaçadas de extinção. Outro objetivo importante da APA é a proteção dos recursos hídricos da Serra da Mantiqueira, região onde nascem importantes afluentes dos rios Grande e Paraíba do Sul, responsáveis pelo abastecimento de boa parte dos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro.



Foto: Arquivo Pré-Memória

Crônicas Pitorescas

Um churrasco sem galvanização...

Palmyro Masiero

Uns quinze jovens estavam fazendo o curso de pós-graduação em álcool. Nada de gozação, imaginando que bebericavam as mais variadas cachaças para definição da melhor... Coisa séria mesmo... Estudantes que completaram o curso de Química e, agora, na pós-graduação, aprofundavam seus conhecimentos sobre as mais diferentes aplicações daquela substância orgânica, líquida e inflamável. Ficou claro?

Quando do intervalo entre o curso e o estágio, acharam por bem comemorar com um churrasco de confraternização. Eles, os professores que lhes ministravam aulas e, por convite especial, como homenagem, o diretor da faculdade, doutor em Química, muito sério, respeitadíssimo por sua segurança e firmeza no comando da escola.

O local escolhido foi um bosque que a própria prefeitura da cidade urbanizara para seus habitantes churrascarem nos finais de semana com as famílias. Tanto que lá se encontravam churrasqueiras, mesas e bancos de cimento em baixo de frondosas árvores, tanques com torneiras e vários WCs. Um lugar aprazível.

O material foi dividido entre os alunos para o transporte: cervejas em caixas de isopor cheias de gelo, carne, farinha, temperos, pratos, talheres, carvão e os etcéteras... Violão é condimento? O melhor pra qualquer festa, desde que tenha alguém que toque... A ideia era ser uma descontração generalizada: mestres e alunos.

A turma, perita em álcool, preparara, na véspera, um garrafão de caipirinha no melhor estilo...

Pelas dez horas da manhã do dia aprazado os carros foram entrando no bosque. Os jovens, cujas missões havia sido definidas anteriormente, cumpriram o estabelecido para cada um, enquanto o diretor mais os outros professores passeavam admirando as belezas do local.

Quando se juntam um bando de CDFs, a coisa sempre toma rumos indefinidos. Ao se aproximar de um tanque em busca de água para lavar as mãos, um professor reparou

na torneira. Estava enferrujada... E tinha que acontecer justamente com aquele especialista em corrosão... Ah, não deu outra: chamou a turma ali e, ante a torneira, começou uma aula prática sobre o assunto. Era tão explícito e firme, que tanto os alunos quase pós, quanto os outros mestres, ficaram por mais de hora ouvindo causas e efeitos da corrosão... “Se fosse galvanizada”, isso... “Se galvanização dissecada”, aquilo... Daí pra frente...

Estavam tão presos à explanação, que nem notaram que o homenageado, o diretor da faculdade, não estava entre eles. Tal detalhe foi sentido quando começaram a ouvir arranhões nas cordas do violão e uma voz pastosa cantarolando desafinada uma canção qualquer... O diretor, provavelmente saturado daquela tecla, apanhou o garrafão de caipirinha, sentou-se à sombra de uma árvore e mandou batidinha para dentro... Como resultado, uma serenata ao sol quente...

Quem não é do metiê, meus amigos, dança... Queira ou não... O álcool contido na caipirinha derreteu toda a altivez do doutro e, para fim de papo, o coroa começou a pôr pela boca o que tinha e o que não tinha ingerido... Virou um bagaço! Levantaram-no... Parecia uma maria-mole escorada pela turma e sua cor estava mais branca do que leite... Desmaiou!

Apavorados ante o estado do diretor, rapidamente colocaram-no num carro e partiram para um pronto socorro. Lá, ficou todo mundo de plantão aguardando a bebedeira do PhD passar. O churrasco foi pras cucuias!

É o que dá! Se tivesse fígado, estômago e outros galvanizados, talvez não sofresse corrosão alcoólica. E mais: se assistisse à aula dada à beira do tanque, nada disso teria acontecido!

Creio que estava dando uma lição ao vivo de que não se deve cabular aulas... Entendam... Tenho que encontrar um quebra-galho para o distinto, honrado e competente diretor, gente!

O papagaio e a andorinha

Edival da Silva Castro

Os papagaios voavam alto, muito alto, sereno e tranquilos.

Numa tarde pardacenta de verão, com vento propício à soltura de papagaios, encontrava-me no meio da garotada, de carretilha na mão, empinando o meu exemplar bicolor recém-confeccionado. A força do vento fazia disparar a carretilha e o papagaio, cada vez mais alto e menor, misturava-se com nuvens baixas e plúmbeas. As andorinhas, agitadas, voavam em círculo, pareciam não gostar do invasor.

Com o tempo ameaçando chuva, resolvi enrolar a linha e recolher o papagaio, e o fazia moderadamente, quando notei algo estranho: a linha formava uma barriga enorme.

O papagaio, quando chegou ao meu alcance, notei que havia um pássaro sobre o mesmo. Admirado, chamei alguns colegas, e foi constatado que se tratava de uma andorinha. A mesma, ofegante, trazia os olhinhos brilhosos. Ao pegá-la notei-lhe o coraçãozinho acelerado. Corri para casa e dei-lhe um banho de água-fria. Foi o suficiente para reanimá-la. De volta junto aos amigos e com a andorinha segura na palma da mão, só foi abri-la para que a mesma batesse asas.

Até hoje uma pergunta permanece no ar:

– O que poderia ter acontecido com a andorinha? Sofrera mal súbito, ou deitara-se no papagaio de cansada?

...



Acesse na internet, leia e divulgue o informativo

“O ESTAFETA”

www.issuu.com/oestafeta

“Se esta rua fosse minha...”

A Fundação Christiano Rosa convida para a exposição de artes plásticas com trabalhos de Anacyr Araújo

Abertura: 12/10/2013, a partir das 20h

Visitação de 13 a 27/10/2013, das 18h às 21h

Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”, Piquete/SP



Questão de semântica

No campo das conjecturas, três significantes ocorrem sem grande esforço: hipótese, desconfiança e suspeita.

Quem se dedica a trabalhos acadêmicos tem na hipótese um grande auxiliar. Há quem diga: quanto mais difícil de comprovação, melhor a hipótese.

A vizinha fofoqueira, quando presta atenção a um varal de roupas lavadas ou se esforça por identificar pelos odores o que se come na casa ao lado, demonstra desconfiança.

Um investigador, na tentativa de elucidar um crime, ligando indícios, configura a suspeita.

Com facilidade, percebemos que o agravo é nulo na hipótese, desprezível na desconfiança e reforçado na suspeita.

Quando digo desconfio, aguardo uma resposta positiva ou negativa; quando digo suspeito estou fortemente inclinado a receber uma resposta positiva.

Já se disse que, na espionagem, como na guerra, a primeira vítima é a verdade.

Podemos registrar como a primeira espionagem da nossa história os conhecimentos náuticos demonstrados por Cristóvão Colombo na conquista do Novo Mundo.

Será que o navegador genovês admitiria a espionagem?

Há quem diga que o Onze de Setembro deve ser lembrado, em primeiro lugar, pela morte de Salvador Allende no palácio de La Moneda.

Por outro lado, não há quem negue que, no ano de 2001, a mesma data mudou completamente a visão dos Estados Unidos da América no que diz respeito à relações internacionais.

O país admitia até que suas Embaixadas fossem invadidas ou depredadas. Jamais que o ataque pudesse ocorrer em seu próprio território.

O mundo assistiu pela televisão – sem acreditar – à destruição das Torres Gêmeas.

Daí para a frente o que era mero item de segurança se tornou obsessão – qualquer estrangeiro era um possível terrorista.

O mundo inteiro fingiu surpresa com a bisbilhotice americana e adotou uma postura de ofendido.

Mas, na realidade, era um comportamento previsível porque a espionagem não tem limites.

Estão aí para comprovar as páginas de jornais e revistas e os filmes da atuação do Mossad de Israel.

A única saída é proteger a informação, o conhecimento.

E criar ciência. É claro que quem cria as máquinas sabe usá-las melhor.

Quem tem satélites e aviões teleguiados pode bisbilhotar com mais segurança e melhores resultados.

Em vez de publicar lamúrias, é melhor avaliar a situação de nossos cientistas e tornar menos complicadas as concessões de patentes.

Globalização é isso. Só não espiona quem não pode. Ou não sabe.

Abigail Lea da Silva

Piquete sedia IV Encontro Paulista de Jongueiros

Piquete sediou, no dia 25 de agosto de 2013, o IV Encontro Paulista de Jongueiros, organizado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) como parte de ações de resgate e valorização do patrimônio imaterial brasileiro (para quem desconhece, o Jongo é tombado como Patrimônio Imaterial Nacional). Num dia de muito calor, cerca de 200 pessoas, entre jogueiros e interessados nessa manifestação cultural, compareceram ao Montanhês Clube de Piquete, vindos das cidades de Campinhas, Embu, Guaratinguetá e São José dos Campos, além da cidade anfitriã.

Especialmente preparada para o Encontro, uma exposição de fotografias mereceu destaque. Composta por quarenta imagens

do fotógrafo Reinaldo Meneguim, especialista em manifestações culturais, a Exposição foi instalada no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”, da Fundação Christiano Rosa, e abriu as atividades do dia. As fotos mostravam as quatro comunidades presentes ao encontro, que devem recebê-la na sequência de encontros a serem promovidos até o final de 2013. Antes da abertura, uma roda de jongo foi improvisada e animou ainda mais os presentes, entre eles a secretária municipal da Cultura, Rita Junqueira, e a prefeita, Teca Gouvêa, que deu todo apoio à exposição.

O Encontro constou, ainda, de grupos de discussão sobre dois temas principais: “Jongo e a juventude no aspecto social”,

em uma mesa formada por jovens líderes das comunidades presentes, e “Mulheres negras no contexto brasileiro”. Ambos os temas proporcionaram reflexões enriquecedoras para os participantes. Merece destaque especial a mensagem inspirada na Jornada Mundial da Juventude, “Ide e fazei discípulos”, que, adaptada, conclamou os jovens a divulgar o Jongo e buscar novos adeptos para o Jongo.

Após as mesas de discussão, iniciaram-se as rodas de jongo, que animaram o final de tarde e festejaram a alegria de um povo agora articulado e que busca reforçar sua representatividade na cultura nacional.

Fotos Laurentino Gonçalves Dias Jr.



Fotos Arquivo Pró-Memória



Foto Andréia Marcondes



FCR representará São Paulo na Conferência Nacional de Cultura

O resgate, a divulgação e a preservação da cultura brasileira têm sido a tônica da sociedade civil e do poder público em discussões país a fora.

Conforme estabelecido na Conferência Intermunicipal da Cultura, realizada em Aparecida, com a presença de Piquete, Potim e Roseira, além da cidade anfitriã, a Fundação Christiano Rosa, de Piquete, compareceu à Conferência Estadual da Cultura, em São Paulo, nos dias 11 e 12 de setembro, no Memorial da América Latina.

A Conferência Estadual contou com cerca de 900 participantes, entre delegados da sociedade civil e do poder público. Na Conferência foram discutidas as propostas de alteração no Plano Nacional de Cultura, com abrangência estadual e federal. Foram dois dias que culminaram com um conjunto iné-

dito de propostas em função de sua representatividade. Na ocasião, foram eleitos, os representantes do estado de São Paulo que irão à próxima etapa de discussões, o nível nacional da Conferência. Para eleição dos delegados, utilizou-se a legislação que divide o estado em regiões administrativas – Piquete está na região de São José dos Campos, composta por todo o Vale do Paraíba e o Litoral Norte. Foram eleitos delegados da sociedade civil, Laurentino Gonçalves Dias Jr., da Fundação Christiano Rosa, de Piquete, e Rodolfo Pinotti, da Fundação Cultural Cassiano Ricardo, de São José dos Campos. Como representante do poder público, elegeu-se Alcemir José R. Palma, Diretor Presidente da Fundação Cultural Cassiano Ricardo, também de SJCampos.

A eleição de um delegado piquetense

da sociedade civil resultou de uma feliz articulação entre as cidades da região que compareceram. Julgou-se oportuno que SJCampos, a mais importante cidade da região, fosse representada. Piquete argumentou que as cidades menores deveriam ser fortalecidas e, em grupo, optou-se pelo delegado da Cidade Paisagem. Foi uma vitória significativa.

A III Conferência Nacional de Cultura será realizada em Brasília, de 26 a 29 de novembro de 2013, e terá como tema “Uma política de Estado para a cultura: desafios do Sistema Nacional de Cultura”. Os três representantes da região já estão se comunicando para traçar planos de trabalho e divulgar para as cidades representadas as principais propostas encaminhadas para discussão na capital federal.

Há uma mentira de Deus e outra do diabo

Há uma mentira de asas e outra de chifres e rabo, uma mentira de Deus e outra do diabo. Ariano Suassuna se diz atraído pelos mentirosos. Não pelos mentirosos do diabo, que prejudicam os outros e lesam a sociedade, como temos visto abundar nesses tempos de tanta corrupção e flexibilização da moralidade. Os mentirosos admirados pelo grande guardião da cultura brasileira são aqueles que se parecem com João Grilo de O Alto da Compadecida, sujeitos astutos que, para sobreviver num mundo de tantas adversidades, aprenderam a arte da mentira de asas, aquela que não lesa, ou até ajuda a melhorar as coisas. É fato que todos nós recorremos a esse recurso que diariamente nos ajuda a resolver situações embaraçosas e constrangedoras, nos protege de sermos grosseiros e desagradáveis.

No livro “Folclore do Brasil” de Luiz da Câmara Cascudo, que teve primeira edição em 1967, pela Editora Fundo de Cultura, há uma anedota que o autor ouvira de seu pai, atribuída a um conhecido mentiroso, seu amigo, de nome Tito Jacome: “Mais vale a voz do burro que a do dono!”.

Um fazendeiro muito inteligente e engraçado recebeu a visita de um compadre que vinha tomar emprestado um burro para fazer uma viagem.

– O burro soltou-se do cercado e não houve quem o pegasse, compadre. Por isso não empresto o animal.

Nesse momento, o burro, que estava

comendo atrás da casa, abriu o par de queixos zurrando como um desesperado.

– Mas, meu compadre! Como é que você diz que o bicho anda solto e ele está ali perto, zurrando, para todo o mundo ouvir?...

– Meu compadre!!! Que tipo de homem é você que acredita mais na voz de um burro do que na do seu compadre??!!

Essa anedota já era popular na Espanha no século XVI e similares eram contadas em Roma 55 anos antes de Cristo. Parece que a mentira de asas sempre foi um meio de controlar as situações inesperadas do dia a dia.

No Capítulo 27 do livro de Gênesis, há uma narrativa interessante. Isaac, já envelhecido e cego, chamou seu filho mais velho para abençoá-lo. Pediu a Esaú que encontrasse uma caça e preparasse um bom prato para que se fartasse antes de abençoá-lo.

Enquanto Esaú saiu a caçar, Rebeca fez carne de cabrito e mandou Jacó, seu filho mais novo, se passar por Esaú. Jacó pôs a pele do animal sobre os braços e a parte lisa do pescoço para que, ao tocá-lo, Isaac pensasse que estava tocando a Esaú que era peludo, e para que seu pai sentisse o cheiro de seu irmão, vestiu as roupas que Esaú costumava usar. Enganado por sua esposa e por Jacó, seu filho gêmeo mais novo, Isaac disse a Jacó: “Que Deus dê a você o orvalho do céu e a fertilidade da terra, trigo e vinho em abundância. Que os povos o sirvam e as nações se prostrem diante de você. Maldito seja quem o amaldiçoar e bendito seja quem o abençoar”. Quando Esaú che-

gou e soube que tinha sido enganado ficou enfurecido e disse: “Com razão ele se chama Jacó.” O fonema hebraico *Yaaqobh* significa: aquele que vem no calcanhar. No capítulo 33 os irmãos se reencontram e há uma bela reconciliação, e o texto nos permite pensar que a vida de Esaú foi melhor que a do trapaceiro Jacó, mas ainda assim a bênção dada por Isaac permaneceu sobre Jacó e Deus o fez pai do povo de Israel. Parece que a astúcia também esteve presente na história e na formação do Povo de Deus. Deus teve que saber lidar com essa propriedade humana.

Para o psicanalista inglês Donald Woods Winnicott, um ser humano que não pode representar, e no bom sentido dissimular quando a vida exige, não conquistou algo importantíssimo para viver no mundo, a capacidade de existir socialmente e ter preservado a si mesmo, que não precisa ser sempre exposto. Há alguns anos, o programa Fantástico exibia aos domingos um quadro que, se bem me recordo, chamava-se super-sincero, em que a personagem era um homem incapaz de qualquer dissimulação. O resultado era a impossibilidade de conviver com os demais. Era muito engraçado. Para Winnicott, o falso si mesmo é sinal de saúde e amadurecimento humano. Ariano Suassuna tem razão: há uma mentira de asas e outra de chifres e rabo, uma mentira de Deus e outra do diabo...

Deus nos livre da mentira do diabo.

Pe. Fabrício Beckmann